SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIV

28 DE FEVEREIRO DE 1978

N.º 391

Avulso Esc. 7$50

Comp. • imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778 — Teleg. YMCAPORT

ESCOTISMO — ESCOLA DE CONVÍVIO

O movimento escoteiro é aceite como escola activa que visa preparar o Rapaz para a vida. O adolescente, que vive a aventura do Escotismo, treina aptidões que lhe permitirão atingir a idade adulta com capacidade para enfrentar e resolver as situações e responsabilidades que se lhe vão deparar.

Não tem sido, no entanto, devidamente valorizada a preparação que o Escotismo proporciona como Escola de convívio humano e, no entanto, este é um dos aspectos mais interessantes do Movimento. Foi o Fundador, uma vez mais, quem inspirou toda esta orientação. A propósito dos Caminheiros, os membros jovens de mais idade do Escotismo, dizia ele: «Não é apenas uma Fraternidade, mas uma Fraternidade alegre, com a camaradagem dos acampamentos, uniforme, sedes próprias, onde se reúnam em todas as partes do mundo.» E acrescenta: «poderás, como seu membro, alargar as tuas viagens a países estrangeiros e travar amizades com irmãos caminheiros de outras nacionalidades».

Se colocarmos estas palavras na época em que foram escritas — 1922 — verificaremos que foi o Escotismo o grande impulsionador da prática do turismo, que só depois de 1945 se tornou hábito no mundo e é forma importante de convivência entre os povos.

Os grandes jamboris mundiais, onde periodicamente participam dezenas de milhares de jovens escoteiros, são uma realização efectiva de camaradagem entre jovens das mais variadas opiniões e raças, que entre si promovem laços de amizade através de convivência fraterna. Baden-Powell promoveu este convívio com os olhos postos na paz entre os homens e, por isso, ele também afirmava: «este assunto da nossa obra não é apenas interessante e educativo, mas vai contribuir eficazmente para garantir a futura paz no mundo por meio da mútua boa vontade».

Saber conviver é uma das mais prementes necessidades do momento que se vive na nossa pátria. Infelizmente, somos forçados a reconhecer que os portugueses não sabem, geralmente, conviver. Não sabem sobretudo conviver com aqueles que têm opiniões, crenças ou interesses divergentes dos seus. O Escotismo põe os jovens a conviver, sem que ignorem as opiniões dos seus companheiros, mas tornando-as conhecidas e compreendidas para que possam ser respeitadas.

Só através da camaradagem, que conduz à amizade, se consegue obter convivência, que permite cooperação entre homens de diferentes convicções.

O Escotismo — como escola de convívio — uma vez mais se recomenda para a educação necessária à juventude portuguesa.

NOVOS «LOBOS DE BRONZE» EM MONTREAL

A mais alta recompensa do Escotismo Mundial, o *Lobo de Bronze*, foi concedida a nove personalidades durante a Conferência Mundial que se realizou recentemente no Canadá.

As pessoas que foram distinguidas com esta mercê honorífica, reservada para recompensar serviços notáveis, são as seguintes: A. Wallace Denny (Canadá); Laurent Dominicé (Suíça); A. Erik Ende (Suécia); Farid Karam (Líbano); Laszlo Nagy (Suíça — secretário-geral do Escotismo Mundial); John C. Parish (EUA); J. Plaridel Silvestre (Região da Ásia-Pacífico); Júlio Montes Taracena (Guatemala); e Akira Watanabe (Japão).

COMUNICAR!



O Jambori no Ar é uma oportunidade.

Oportunidade para criar amizades; oportunidade para realizar; oportunidade para aprender; oportunidade para servir; oportunidade para conhecer; oportunidade para comunicar.

Estes jovens não escondem a satisfação que lhes vai na alma, quando, em determinado momento, adquirem a noção de que o Globo terrestre, enorme como é, pode todo ele estar mesmo muito perto, ou de que é possível que um antípoda venha às vezes, imprevistamente, colocar-se ao nosso lado.

É isto a secreta alegria dos Jamboris no Ar!

Teria o CNE recebido uma proposta de 5000 contos?

Sob este título interrogativo, transcreveu «Sempre Pronto» uma nota escrita após um artigo no jornal «O Zé», de Rio Maior, de 14 de Junho p. p. Embora essa nota fosse afirmativa, pusemos-lhe aquele título interrogativo.

Em carta de 1 de Fevereiro corrente, escreve-nos um leitor, que se esconde sob o pseudónimo de «Pantera Cor-de-Rosa» e se afirma dirigente do Agrupamento n.º 17 do CNE, de Lisboa, dizendo que ficou «*bastante decepcionado pelo facto de uma revista da AEP, associação irmã, em vez de lamentar o facto de o jornal (...) fazer uma calúnia ao CNE, faz menção de criticar com interrogações. No que me toca como dirigente do CNE, lamento! Pois sabeis, apesar do vosso afastamento em relação a nós, afastamento esse da vossa parte, pois para mim O ESCOTISMO É SÓ UM, O DE B.-P. E MAIS NENHUM, deviam repudiar e não criticar*».

Este nosso companheiro do CNE não sabe seguir a pista. Leu e não encontrou nada. Vamos tentar corrigir as suas afirmações inexactas.

Primeiramente, este jornal não é da AEP. É independente. Depois, não fizemos qualquer crítica, pois nem sequer fizemos qualquer comentário. Pusemos-lhe um ponto de interrogação porque duvidámos da sua veracidade. O jornal «O Zé» não fez qualquer calúnia ao CNE, porque afirmou que a Junta recusou. Portanto é um elogio. Qualquer entidade está sujeita a receber propostas desonestas, só sendo censurável se as aceitar. Se houver calúnia, é para com o PC, mas isso é com o referido jornal, que fez a afirmação.

Seria, porém, muito importante saber se a notícia é, como supomos, falsa, mas por razões que dizem respeito ao Escotismo no seu conjunto e não apenas ao CNE.

E, por fim, caro amigo, congratulamo-nos com a sua concepção de Escotismo. Pratique-a! E, quanto à culpa do afastamento, não a discutiremos para não o agravar. Mas, realmente, é preciso ousadia para fazer tal afirmação. A não ser que o «Pantera Cor-de-Rosa» seja ainda «patatenra».

Anedota

Na escola:

O professor: — Chico, vê se descobres aqui no mapa onde fica o Brasil?

O Chico: — É aqui, sr. professor.

O professor: — Muito bem. Agora tu, João, diz-me quem descobriu o Brasil?

O João: — Foi o Chico, sr. professor.

(De *O Urso*, jornal dos escutas do Tramagal).

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A falta de espaço não tem permitido que façamos referência à entrega de novas assinaturas, mas vários amigos continuam a oferecer-nos colaboração, enviando-nos nomes de novos assinantes, enquanto outros se nos dirigem directamente.

Assim, o Grupo n.º 53, de Real, Braga, manifestou o seu interesse por «Sempre Pronto» remetendo-nos cinco novos assinantes: Srs. João Baptista da Costa Carvalho, Dr. Fernando Brás Mateus, Francisco de Abreu Gomes, Filipe Pereira Rodrigues, Luís da Silva e o próprio Grupo. Também o Grupo n.º 41, de Vila Nova de Gaia, nos mandou a assinatura do Sr. Arnaldo Albano de Araújo Couto e do próprio Grupo.

Tivemos mais o prazer de registar as seguintes assinaturas: Srs. Paulo Jorge Santos, de Lisboa; Fernando da Cunha Osório, do Porto; João Nascimento R. Nunes, do Funchal; Fernando Joaquim B. Oliveira, de Lisboa; Pedro Manuel R. P. e Cunha, de Coimbra; D. Maria Rita Velosa de Sousa, de Loures; D. Maria Luísa Proença Dias, da Suíça; João Carlos Martins Palaio, da Figueira da Foz; num total portanto de 17 novos assinantes.



António Afonso

Só recentemente tivemos conhecimento de que faleceu em Lisboa, no dia 27 de Janeiro do ano findo, o sr. António Afonso, antigo escoteiro do Grupo 1.

Este nosso companheiro há largos anos que se encontrava em Moçambique, donde havia regressado após a independência daquela nova nação. No entanto, viu agravarem-se padecimentos de que sofria, pelo que teve de ser internado num estabelecimento hospitalar, onde faleceu.

Era tio dos antigos escoteiros do Grupo 94 Jorge da Silva Afonso e José Maria Bento Afonso, a quem apresentamos pêsames, bem como à restante família.

«Rover Moot» da Região Árabe

O 3.º *Rover Moot* da Região Árabe decorreu em Ismailia, no Egipto, com a presença de 200 participantes.

Foram discutidos os temas do «Caminheirismo e Religião» e «O Papel dos Caminheiros no Desenvolvimento».

Os participantes construíram 600 metros de uma nova estrada e ajudaram a alargar a Canal do Suez. Um curso da Insígnia de Madeira foi realizado em Port-Said, que reuniu 52 participantes da Arábia Saudita, Bahrein, Egipto, Iraque e Koweit.

As universidades egípcias organizaram também um *Rover Moot* em Tantah, em cuja cerimónia de abertura esteve presente o primeiro-ministro.

Os Escoteiros do «93», de Sintra, reatam uma actividade tradicional

No próximo dia 9 de Abril, os escoteiros de Sintra promovem uma excursão à vila da Batalha para participar nas cerimónias comemorativas da batalha de «La Lys».

Não vão de bicicleta, como antigamente, mas de autocarro, a fim de se fazerem acompanhar de famílias dos escoteiros e outros amigos. Podem ainda participar na actividade antigos escoteiros e membros de outros grupos.

Para que se possa reservar os autocarros necessários, o Grupo 93 convida todos os interessados a fazerem a sua inscrição com urgência, sendo o preço apenas de Ec. 175$00.

A Secretaria Mundial para a Região Interamericana tem nova sede

Após vários meses de procura, o pessoal da Secretaria Mundial para a Região Interamericana mudou-se para uma nova sede em São José, na Costa Rica.

A nova casa, de um só andar, mas muito espaçosa, permitirá que se trabalhe em melhores condições e haja também melhores possibilidades de comunicação entre o pessoal e será visitada por maior número de pessoas.

O apartado postal e o endereço telegráfico são os mesmos. As associações nacionais foram, por outro lado, informadas da nova morada e do novo número do telefone.

A água, meio de vida essencial (6)

Uma luz ao longe: o respeito pela Natureza

Se recapitularmos os assuntos nestes trabalhos abordados, que se relacionam com a poluição das águas, concluiremos que este grande problema dos nossos dias surge em consequência dos atentados que o Homem tem levado a cabo contra a normal evolução dos fenómenos naturais. A verificação desta realidade oferece-nos, contudo, os meios indispensáveis para encontrar o antídoto que permita dar os primeiros passos para a solução desta questão vital: o respeito pelos preceitos que regulam a actividade natural. Só que o acatamento destas disposições implica a resolução de complexa problemática, tal o desvio que a actividade humana tem sofrido em relação a um comportamento harmonizado com as leis da natureza.

O ciclo da água

Os diversos fenómenos que se prendem com a existência de água no nosso planeta são, a um tempo, evidentes e complexos. O estudo do seu mecanismo não deixa dúvidas acerca da integridade em que tem de ser mantido o seu funcionamento, a fim de que a cadeia existente entre os diversos fenómenos decorra em normalidade completa.

Descrevemos, para melhor compreensão do problema, o ciclo da água de que, em mais de uma vez, já falámos.

Quando o vapor de água existente na atmosfera se condensa, podem produzir-se precipitações. Esta condensação pode ser originada por um abaixamento da temperatura ou pela mistura de duas massas de ar de temperaturas diferentes. No entanto, destes fenómenos só resulta a precipitação, caso as gotas que se formem tenham peso suficiente para pôr termo ao equilíbrio resultante das correntes ascendentes que se formam no seio das nuvens.

A precipitação, que também pode ter origem em descargas eléctricas, como acontece em tempo de trovoadas, reveste a forma quer de chuva, quer de neve ou granizo e não é mais do que a devolução à superfície terrestre do vapor de água que daqui recebeu, através da evaporação.

É curioso descrever o destino que a água toma quando cai na parte sólida do nosso planeta. Uma parte desse líquido, deslizando pela superfície terrena, vai-se reunindo em cursos de água, ribeiros e rios, até desaguar em lagos, mares ou oceanos. Porém, outra importante parte da precipitação infiltrar-se-á nos terrenos, onde irá alimentar os lençóis de água subterrâneos. É bom saber-se que grande quantidade dessas precipitações ficará depositada em charcos ou retida pelo elemento vegetal, na fronde das árvores ou no solo, onde a folhagem seca, saturando-se de água, se tornará em excelente retentor, evitando inundações e possibilitando a conservação da humidade nos terrenos.

Mas tempos virão em que a água que desceu até o subsolo voltará de novo à superfície, quer através das nascentes e fontes, quer por meio de poços ou furos artesianos que o homem cava. Não tardará que se feche o ciclo dos fenómenos naturais relacionados com a água. Em breve esta regressará à atmosfera, dissipando-se no espaço.

Como é que se dá a passagem da água ao estado gasoso? Primeiro, pela evaporação de água dos charcos, ribeiros, rios e oceanos, ou pela sublimação (passagem directa do estado sólido ao gasoso) dos gelos das regiões polares; segundo, pelo vapor de água libertado pelos animais e pelas plantas, que a absorvem, estas, directamente do vapor de água contido na atmosfera ou da humidade que o solo retém; aqueles, com as bebidas e alimentos que ingerem.

De referir que os grandes mares e oceanos têm uma intervenção de primeiríssimo plano no desenvolvimento deste ciclo, visto que está calculado que mais de um terço das precipitações sobre os continentes provêm, pela evaporação, da água dos mares.

Diga-se, desde já, que a acção benfazeja exercida pela água através do cumprimento do seu ciclo tem possibilidade de ser reforçada pelo homem, graças à construção de barragens e reservatórios que determinem a retenção e o consequente aumento das disponibilidades deste precioso líquido, as quais influem beneficamente nas alterações das condições meteorológicas. Assim, se torna possível darem-se importantes passos na realização do ambicioso projecto humano à escala mundial que tem como objectivo conseguir que a água exista sempre no local certo, na quantidade precisa e no tempo exacto. A resolução deste complexo problema é de capital importância para a evolução das condições de vida à face da Terra, pois não devemos esquecer que a abundância e diversidade dos animais estão directamente dependentes da riqueza do revestimento vegetal, riqueza que, por sua vez, está subordinada à quantidade de água disponível. A água é, assim, em última análise, a determinante da actividade e vigor das comunidades biológicas.

Consequências dos atentados contra o ciclo da água

Porém, nos tempos actuais, estamos postados com frequência ante o desolador espectáculo dos atentados cometidos contra a organização do ciclo aquático, pois várias são as causas que produzem distúrbios no seu seio. Enumeremo-las:

— A poluição atmosférica tem nocivos efeitos sobre a regularidade das precipitações;

— A destruição, o desaparecimento ou rarefacção do mundo vegetal, bem como a danificação das camadas superficiais do solo, produzem a erosão e, daí, a diminuição da transpiração proveniente dos vegetais e, por conseguinte, um abaixamento da intensidade da evaporação;

— A poluição dos rios e dos lagos, com a proliferação de fungos e algas que disso resulta, dificulta a infiltração das águas nos terrenos e, como tal, a regular evolução do ciclo da água, assim como a diminuição da quantidade de água potável disponível;

— O escurecimento das águas, resultante da introdução de poluentes, quer domésticos, quer industriais, impede a penetração dos raios solares, os quais não podem, por esse motivo, estimular a produção de oxigénio pelas plantas aquáticas. Por outro lado, a existência de um mais alto teor de fertilizantes nas águas, constituídos por matérias orgânicas e por determinados produtos químicos, dá azo, como já dissemos atrás, à proliferação vegetal, em especial no que diz respeito a minúsculos fungos. Quando esta vegetação morre, as bactérias começam então o seu trabalho de decomposição. Contudo, como é grande a quantidade de vegetais sem vida, as bactérias necessitam de muito oxigénio para levarem a cabo a sua acção, oxigénio que acabam por extrair da própria água, o que faz descer a níveis muito baixos o teor deste importante gás nas águas, essencial à vida animal. Os peixes e outros animais, carecidos de oxigénio, acabam também por morrer, provocando a inquinação das águas em que ficam depositados.

Eis em linhas muito gerais o desencadeamento do processo de agressão que as formas da vida moderna têm levado a efeito contra o mundo natural. Da resolução destas anomalias, da forma como as suas consequências forem sendo invalidadas, dependerá, em muito, a qualidade da vida nas próximas décadas. Trata-se de problema complexo, mas que diz respeito muito particularmente às camadas juvenis, já que são elas que mais podem ser beneficiadas ou afectadas por aquilo que for agora feito.

Razões de esperança

São grandes, como vimos, as ameaças que estão pendentes, qual espada de Dâmocles, sobre a vida no nosso planeta,

Continua na pág. 4

Administração

Pagamento de assinaturas

A remessa a «Sempre Pronto» do valor das assinaturas é um excelente serviço que os nossos estimados assinantes nos prestam. Temos o prazer de registar as seguintes remessas feitas directamente à nossa Administração pelos senhores:

PATROCINADORES

Justino Estêvão da Silva	300$00
Vítor da Conceição Ferreira	300$00
José Ferreira da Silva (Almada)	100$00
João Nascimento Nunes (Funchal)	150$00
Prof. Dr. João Faria Lapa	100$00
Ernesto Bernardino Rola	100$00
Antero Nobre (Faro)	150$00
Coronel Fernando Silva Caetano	100$00
Joaquim Tavares de Oliveira	100$00
D. Florinda Ribeiro Nunes	100$00
João Pedro Cocco M. Ferro (Olhão)	100$00
António Júlio da Silva (Paços de Brandão)	128$00
João Joaquim da Costa Braga (Galveias)	150$00
Grupo n.º 41 — AEP — (V. N. de Gaia)	100$00
Arnaldo Albano de Araújo Couto (V. N. de Gaia)	100$00
Francisco António de Oliveira (Viseu)	100$00

OUTROS ASSINANTES

Grupo n.º 9 — AEP	75$00
Virgílio Clímaco Coelho do Nascimento	75$00
Grupo de Moura — AEP	60$00
Grupo n.º 31 — AEP	75$00
Paulo Pires	75$00
Pedro Manuel P. e Cunha — Coimbra	75$00
Vítor Manuel de Lima e Santos	75$00
Luís Mário Saraiva (Lisboa)	75$00
Tenente Manuel Canhão Fernandes (Coimbra)	75$00
João Carlos Martins Palaio (Figueira da Foz)	80$00
Dr. Fernando Brás Mateus (Braga)	75$00
Arnaldo Pinto (Porto)	75$00

A água, meio de vida essencial

Continuação da pág. 3

em resultado das infracções que têm sido feitas contra o mundo natural. São muito preocupantes as consequências desses actos lesivos, os quais, pelo seu elevado grau de nocividade, estão já atraindo a atenção dos responsáveis.

Pode afirmar-se, sem receio de transgredir o código da verdade, que à sociedade humana já não é de todo em todo estranha a luta contra a poluição das águas. Embora timidamente e desprovida de uma experiência que lhe proporcione maior eficiência nas acções que empreende, o homem está voltando a atenção para a gigantesca campanha de defesa das condições de vida. Não só o aparelho começa a funcionar nesse sentido, como também a pouco e pouco a técnica aperfeiçoa as armas para o combate à degradação do ambiente. É de crer que não tarde muito o momento em que ela esteja em condições de nos oferecer meios mais eficazes de defesa contra os diversos poluentes. A chamada «política das águas» por certo trará profundas alterações ao modo de encarar a situação, em especial entre as sociedades mais desenvolvidas, aquelas que, até aqui, também mais têm contribuído para a agudização do problema. Não será utopia pensar-se que as obras de saneamento, as estações de depuração e de tratamento das águas domésticas e urbanas e das provenientes da actividade industrial, a proibição ou regulamentação do uso de produtos de alto índice tóxico, como os pesticidas, os detergentes não biodegradáveis, produtos químicos de alto grau de periculosidade, a promulgação de medidas e a vulgarização de regras contra a prática de actos lesivos da sanidade do ambiente se tornem, dentro em pouco, uma realidade.

Estes são alguns dos itinerários propostos para a resolução do magno problema que tem retido a nossa atenção. A verdade é que se está, por assim dizer, no início de uma grande caminhada que importa percorrer. Mas o facto de ela já estar sendo empreendida dá-nos razão de esperança em que o bom-senso gerado pelas conveniências acabe por fazer valer os seus convincentes argumentos no comportamento da sociedade humana, o que outros princípios menos utilitários não têm conseguido alcançar.

J. R.

SERVIÇOS CENTRAIS

Novo Grupo de Escoteiros

Grupo N.º 39 — São Roque (Açores)

O *Boletim Oficial* n.º 6/77, recentemente publicado, dá notícia da filiação de um novo Grupo de Escoteiros, em S. Roque, freguesia do concelho de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel (Açores).

A sede está instalada no Centro Paroquial de S. Roque, Rua Direita da Madalena, S. Roque

Para chefiar o Grupo, foi nomeado o EC Fernando Jorge Moniz Andrade.

O I «EUROFOLK» — excelente iniciativa dos escoteiros turcos

Como Sempre Pronto noticiou, realizou-se na Turquia, em Pamuçak, uma praia do Mar Egeu, perto de Éfeso, o I Festival Europeu de Cultura Popular dos Escoteiros e Guias, que se desenrolou de 1 a 10 de Agosto findo.

Este acampamento, que foi coroado de grande êxito, teve mais de mil participantes, vindos, além da Turquia, de mais onze países (Alemanha Federal, Bélgica, EUA, Finlândia, França, Holanda, Israel, Noruega, Reino Unido, Suécia e Suíça).

O terreno do acampamento, magnificamente preparado pelos escoteiros turcos, era constituído por cinco subcampos, (dois para raparigas e três para rapazes), cujas tendas diferiam de cor de um para outro.

Os espectáculos que se efectuaram no anfiteatro de Éfeso foram os acontecimentos mais memoráveis e dignos de interesse, entre os quais se destacam as cenas dançadas pelos jovens turcos, a harmonia da «Fada que Canta» dos belgas, os pífaros da Suíça, as danças dos tamancos dos holandeses e muitos outros números.

A emocionante cerimónia de encerramento, durante a qual milhares de velas marcaram os contornos do teatro antigo e em que os actores e espectadores, no fim da cerimónia, saíam a dançar, ilustraram maravilhosamente a atmosfera inesquecível que ali reinava e que ficará para sempre gravada no coração dos participantes do Eurofolk '77.

(World Scout Newsletter)

PÁGINA DO ESCOTEIRO



TREINAR SEM MAGOAR



A agilidade e destreza física adquirem-se à custa de exercícios ginásticos que permitam desenvolver a capacidade muscular e o seu contrôle.

No Escotismo, procura-se o desenvolvimento dessas capacidades através de exercícios simples e que possam ter algum tanto de divertido e que não precisem de muito equipamento.

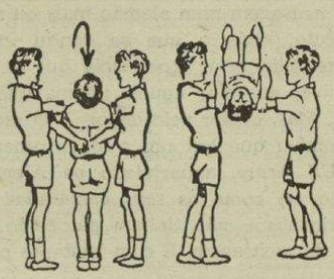
Aqui se apresentam duas ideias para as Patrulhas experimentarem. Com elas, poderá o chefe de Tribo organizar competições entre as Patrulhas.

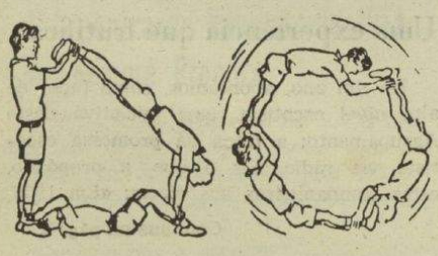
Para ambos é necessário um certo treino. No primeiro, o escoteiro que faz o «pino», dá um pequeno impulso com as pernas, ao mesmo tempo que os dois companheiros ajudam e amparam o «pinador».

No segundo, o objectivo é conseguir fazer uma «roda» humana. Isso exige uma certa conjugação de esforços e uma boa capacidade dos músculos dos braços e dos abdominais, para que possam ser mantidos no ar os escoteiros que estão por cima.

Vamos experimentar? Gostaríamos de receber indicações com os nomes dos componentes das Patrulhas que conseguem.

Experimentem, mas cuidado não se magoem; treinem primeiro e procurem chegar à finalidade do exercício, depois de convenientemente treinados, pois especialmente o da «roda humana» é bastante difícil e exige muita coordenação de movimentos entre os três participantes.





Campismo e protecção da Natureza

Nos tempos que correm, o campismo deve respeitar o ambiente. A maior parte das associações reviu os seus regulamentos sobre campismo, levando em conta o facto de que nas horas de lazer ao ar livre podem ser causados mais estragos do que benefícios ao equilíbrio natural. As novas regras tendem a emprestar a esta actividade um impacto ecológico o mais positivo possível. Assim, ainda bem recentemente a Secretaria Mundial do Escotismo publicou *Campismo e Protecção da Natureza*, de que damos aqui alguns extractos:

Um exemplo do Código do Ar Livre (Austrália):

— «*Como escoteiro, esforçar-me-ei por proteger a Natureza, para que a vida se torne mais rica para todos. Protegerei e conservarei a vida animal e vegetal, não utilizando senão o que for necessário; velarei pelo fogo; desembaraçar-me-ei dos detritos como deve de ser; protegerei da poluição e da destruição o mundo inerte da Natureza, gozarei a Natureza em paz, a fim de que todos os outros a possam gozar também assim; participarei activamente nos projectos de protecção da Natureza. Deixarei limpos os campos, as ruas e as praias. Serei sempre prudente ao utilizar o fogo, lembrando-me de que ele pode ser um dos grandes destruidores das florestas. Esforçar-me-ei por conservar tudo o que é natural, a beleza da paisagem, a fauna e a flora; creio que os lugares onde o povo vive devem ser bonitos e agradáveis e farei o melhor possível para que a utilização da nossa terra seja mais bem planificada e conservada com maior cuidado*».

Qualquer que seja o vosso Código do Ar Livre, não esqueceis as seguintes ideias:

«*Considerai a Natureza como uma herança que é preciso fazer frutificar para nosso maior prazer. Guardai os detritos longe dos cursos de água, dos campos, das florestas e das estradas*».

Lixo

Guardai-o em latões, se houver um perto do acampamento. Em caso contrário, queimai o que puderdes e levai o resto convosco. Não enterreis o lixo. Durante as vossas excursões, guardai nos bolsos quaisquer detritos, tal como papel de bombons, deitando-os fora quando estiverdes em casa.

O lixo atrai lixo

Limpai os terrenos em que tenha sido lançado lixo, os terrenos vagos, as ruas e os campos, mesmo que não tenhais sido vós quem os haja sujado. Os lugares limpos conservar-se-ão limpos por mais tempo. Os que estiverem sujos, mais depressa se sujarão ainda mais.

Continua

Campismo e Protecção da Natureza («Camping and Conservation») foi publicado em colaboração com o Fundo Mundial para a Protecção da Natureza. Os exemplares desta edição (30 páginas, formato A 8) podem ser obtidos junto da Secretaria Mundial do Escotismo ao preço de 1,25 francos suíços cada um. Esta edição é em inglês, assim como outras sobre assuntos congéneres editadas por este Fundo.



Quatro escoteiros entre os vencedores do Concurso de Desenho do Fundo Mundial para a Natureza (WWF)

Participaram no concurso de desenho «A Fauna Marítima», promovido pelo Fundo Mundial para a Natureza, escoteiros de mais de dez países, concurso que foi realizado em colaboração com a Secretaria Mundial do Escotismo.

Entre os 16 vencedores internacionais seleccionados pelo júri, há escoteiros e guias da África do Sul, Áustria, Indonésia e Itália.

Como na «Operação Tigre», os desenhos escolhidos serão impressos em estampilha a fim de serem vendidos a favor da campanha «*O Mar Deve Viver*», promovida pelo Fundo Mundial para a Natureza.

O XII Jamboree no Ar e os escoteiros portugueses

Continuação da pág. 8

«Ó gente! Aqueles escoteiros eram completamente loucos. Cansados e desejosos de se irem deitar e, mesmo assim, planeavam a sua participação no próximo Jamboree no Ar! E sabem que mais? Penso que o seu entusiasmo, a sua alegria — a sua loucura — me contagiou também, porque me vi de repente a prometer-lhes a minha nova colaboração no Jamboree de 1978! Aproveitaram-se do facto de eu estar cansado e... pronto! Para o próximo ano lá estaremos juntos de novo».

Um *bravo!* Para os rapazes da Amadora, que bem o merecem.

O Grupos 12 (Sassoeiros) e 16 (Carcaveos), ambos da AEP, e os Agrupamentos 74 (Barreiro) e 77 (Cruz Quebrada), estes do CNE, são unidades dos arredores da Capital que estiveram no JOTA mas que pouco nos falam dos seus contactos através do éter. De salientar, a confraternização havida entre os Grupos 12, 16 e a 1.ª Companhia de Guias, de Carcavelos, bem como a construção de uma antena pelos rapazes cruz-quebradenses. E nada mais digno de registo.

Nas Ilhas Adjacentes, os escoteiros mantêm-se firmes

O JOTA é uma actividade que deve ser muito cara aos nossos camaradas ilhéus, porque ela, de certa maneira, lhes permite superar o isolamento em que se encontram. Assim, ano após ano, eles marcam presença *a bordo* dos vários emissores e mostram-se sempre radiantes com os contactos que obtêm.

Na Ilha Terceira (Açores), os escoteiros estiveram em quatro estações, para o que movimentaram cerca de 200 escoteiros. Contactos: mais de 200 com 29 países. Cá os esperamos em Outubro, mas com a possibilidade de ver relatórios dos trabalhos, porque só números não tem grande interesse.

No Funchal (Madeira), o Grupo 24 (AEP) fez um relatório, ambicioso mas não muito bem conseguido. Ficou-nos a impressão de que havia o objectivo *do maior número de contactos possível*, o que, como temos dito frequentes vezes, não satisfaz os fins do Jamboree no Ar. Por outro lado, carregar na nota das mensagens desvaloriza a actuação no JOTA e torna os relatórios monótonos, já que às mensagens falta o cunho da espontaneidade. A mensagem é algo de certo modo estereotipado e nos JOTA's o que interessa sobremaneira é o contacto directo, o diálogo sobre a experiência comum no escotismo, o convívio através das ondas hertzianas. Pois que os nossos companheiros do Funchal continuem na senda do ideal, visto que já possuem uma base de certo valor.

...Tivemos a sensação de que o Mundo era um único país onde não havia guerras

O relatório do Agrupamento 143, de S. Mamede de Infesta (Porto) é bastante meritório. Boa apresentação, bem ilustrado com desenhos e fotografias excelentes e um texto bastante cuidado e com certo interesse.

Uma nota que deve ser sublinhada: o parágrafo onde se lê esta confortável declaração: «*A organização esteve perfeita e todos estamos felizes porque cada um de nós tem a consciência de que deu o máximo para que este JOTA fosse uma realidade*». Eis a satisfação do dever cumprido; eis a prova de que a improvisação vai deixando de atrair adeptos.

Também digna de registo esta apreciação sobre o JOTA feita por um dos membros do Agrupamento: «*Durante estas 48 horas tivemos a sensação de que o mundo era um único país onde não havia guerras, nem ódios, nem egoísmos e onde todos eram bons irmãos*». Haverá um dia em que todos os homens possam proferir estas mesmas palavras em todos os momentos do dia a dia?

Pois, amigos portuenses, façam por aperfeiçoar no futuro o trabalho que apresentarem, porque (ou estamos muito enganados) contam com elementos de quem muito se pode esperar. E até Outubro!

Na Cidade-Museu: Que despertará nos jovens uma alegria tão grande por participarem no Jamboree?

No coração do Alentejo, na bela cidade de Évora, foram vários os Agrupamentos do CNE que estiveram *no ar* no JOTA deste ano: o 320, das Portas de Alconchel, o 477 e o 37. Relatórios de interesse quase nulo. É preciso puxar pela imaginação. Não cremos que não pudessem fazer melhor.

A nota mais relevante foi o facto de, na sede do Agrupamento 37, onde aquelas unidades se reuniram, esteve presente também o 119, de Coruche. E destes nossos companheiros da ubérrima vila coruchense há sempre qualquer coisa a esperar...

Pois os rapazes do 119, por este ou aquele motivo, não arranjaram um radioamador da vila que com eles colaborasse. Assim, viram-se na contingência de correrem, cinco deles, até Évora, para conseguirem realizar o grande desejo *de estar* no JOTA. Mas fizeram-no. E são eles que se perguntam a si próprios: «*Que despertará nos jovens deste mundo uma alegria tão grande por participarem no Jamboree? A amizade, a comunicação, a descoberta da máquina e da técnica?*». Respondemos nós: qualquer destas coisas ou todas elas. Ou, melhor, o Escotismo, o Escotismo tal como o conheceu B-P, um escotismo-realização, um escotismo-novidade, um escotismo-aventura. Mas estes nossos amigos *falam-nos* do Jamboree no Ar. E isso é muito importante num relatório, o qual tem de ser um testemunho de momentos fecundamente vividos e não um árido repositório de dados inexpressivos. Avaliem este pedaço tirado quase ao acaso. «*Cinco minutos depois, é Ponta Delgada que chega até nós e, durante as 47 horas seguintes, o Agrupamento 119, de Coruche, mais os outros agrupamentos que constituem o total das unidades de região escotista de Évora tiveram então oportunidade de espalhar a fraternidade (e de a sentir por parte dos outros que no-la transmitiam) entre os escoteiros do restante Portugal e de outras 12 nações*». Meus amigos, isto chama-se Jamboree no Ar!

Cresce o Jamboree e isso é a melhor prova da sua força

Mais adiante, diz-se que felizmente não são só os grupos da Capital a participar. Temos de tomar a consciência de que Portugal não é só Lisboa e, para tal, aguarda-se que as gentes de outras terras digam a palavra que só a elas cumpre dizer. «*Já vai havendo mais gente, alarga-se, cresce o Jamboree e isso é a melhor prova da sua utilidade e da sua força*».

E os casos pitorescos: uma moça do grupo de Valverde, filha de uma professora de alemão, está desejosa de dar prova dos seus conhecimentos da língua de Goethe. «*Vejam lá* — dizia ela — *quando aparecer algum da Alemanha não se esqueçam de me chamar. É que tenho uma mensagem escrita em alemão para lhes ler...*»

Até que a oportunidade, ansiosamente esperada, chegou: alguém da Alemanha chamava! A moça chegou afadigada. Primeiro, enrubesceu; depois, engasgou-se um pouco. Mas lá conseguiu transmitir a sua mensagem num alemão mais ou menos correcto, após o que se sentiu imensamente feliz pela experiência que acabava de viver ao falar aquele idioma que adorava. Mas, o pior veio depois... O receptor respondeu que era um soldado americano da *US Army*, aquartelado na Alemanha! Tanto ele como os seus camaradas eram americanos e não tinham percebido patavina da mensagem. E com bastante pena!...

Uma experiência que frutifica

Há um ano, apontámos, como facto de alto nível escotista, uma iniciativa deste Agrupamento: a troca da promessa escotista via rádio. Eis o que, a propósito, estes companheiros nos dizem: «*Em 1975,*

Continua na pág. 7

Foram muito melhores as condições de propagação no XX JOTA

Durante o fim-de-semana de 15 e 16 de Outubro p. p., milhares de estações de radioamadores encontraram-se para o 20.º Jambori do Ar. Por meio das ondas curtas, escoteiros de todos os cantos do mundo trocaram informações sobre eles próprios, sobre as suas comunidades, sobre o seu escotismo com os irmãos-escoteiros ou guias próximos ou distantes. Através das ondas, puderam escutar canções, gritos escotistas e até mesmo convites.

Os primeiros contactos indicam que as condições radiofónicas eram bem melhores que as verificadas nos dois últimos JOTA's. Pela primeira vez, a Secretaria Mundial do Escotismo, de Genebra, na Suíça, não operou através da sua própria estação, mas fê-lo de maneira que a sua voz fosse escutada desde Ferney-Voltaire, em França, próximo de Genebra, em colaboração com os escoteiros franceses. Os operadores voluntários pertenciam ao Clube de Rádio do CERN (Centro Europeu para as Investigações Nucleares).

O organizador mundial do JOTA, o director da Administração da Secretaria Mundial, L. F. Jarrett, esteve, como já noticiámos, nas «primeiras linhas» na Holanda durante esse fim-de-semana, tendo visitado 19 das 90 estações do Escotismo Holandês que estavam no JOTA. As suas impressões são concludentes: «Foi uma enriquecedora experiência! É assim que o JOTA deveria ser organizado. Os escoteiros e os operadores tinham sido bem treinados e todos eles estavam decididamente entregues à tarefa de estabelecer contactos através do éter. O governo holandês autorizou que escoteiros sem licença de radioamador falassem ao microfone das estações JOTA durante as 48 horas, o que fez aumentar muito o entusiasmo».

A Organização Nacional do JOTA e «Sempre Pronto»

A organização Nacional do JOTA mais uma vez distinguiu este jornal com um Diploma de Agradecimento pela colaboração que prestámos na divulgação do XX Jambori no Ar.

Agradecemos a atenção.

O XX Jambori no Ar e os escoteiros portugueses

Continuação da pág. 6

fizemos uma proposta a um grupo siciliano: um escoteiro de cada país fazia a promessa escotista via rádio na sua próprio língua. Nesse ano, o grupo considerou no seu relatório aquele QSO como sendo o que mais o impressionou. No relatório da organização italiana, havia um pequeno artigo sobre o contacto e, finalmente, a própria Secretaria Mundial fez questão de realçar isso no relatório mundial... Em 1976, quisemos manter esse ponto e trocámos as promessas com o segundo grupo de Fredrikstad (Noruega) e este ano foi com Fort William (Escócia). Mas o que nos surpreendeu foi o facto de o grupo italiano ter trocado promessas em 1976 com grupos de outros países, segundo nos foi dado observar no relatório mundial. Teremos nós dado origem a uma nova forma de fraternidade que se poderá vir a tomar num hábito do Jambori? Seria bem agradável para nós...».

E para todos os portugueses, acrescentamos nós.

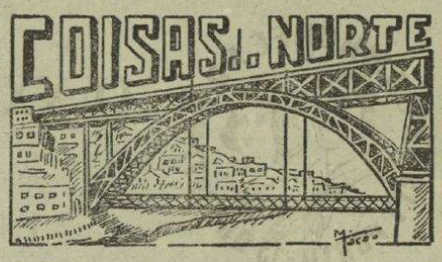
À hora da despedida, os escoteiros eborenses manifestaram o seu contentamento e afirmaram que esperavam os seus amigos de Coruche no JOTA, Ao que estes responderam que o que queriam é não voltar, porque o que desejavam é fazer os JOTA's na sua própria terra. E porque não voltar, que mais não seja através da rádio? Pois em nosso entender, já que o 119 tem dado provas de espírito empreendedor e de capacidade de realização de que não é justo duvidar, o que se torna imperioso é começarem a surgir as cartas de radioamador entre os escoteiros coruchenses e, depois, o grande acontecimento: o posto emissor do 119! É sonho? Que seja, mas o JOTA também é um sonho que Les Mitchell soube concretizar. Confiamos em absoluto na capacidade dos escoteiros de Coruche para darem estes dois importantes passos. Confiamos neles!

Com esta nota de radiosa esperança, fechamos as considerações sobre os relatórios dos grupos de escoteiros portugueses. Cá os esperamos em Outubro, desejando que a imaginação escotista faça valer, nesse trabalho, as suas credenciais.

N. da R. — No último número, quando nos referimos ao relatório do Agrupamento 407 (CNE), de Oeiras, por lapso demos-lhe o n.º 40. Aqui fica a rectificação com o nosso pedido de desculpa.

VISITAS

Deu-nos o prazer de sua visita à nossa Redacção, o nosso amigo e antigo escoteiro Sr. João Joaquim da Costa Braga, de Galveias, visita que muito agradecemos.



O Grupo N.º 58, do Porto, em actividade

A Patrulha Elefante do Grupo n.º 58 — AEP, foi até Cortegaça no dia 26 deste mês. Ali realizou exercícios com provas de construções, orientação e jogos, sob a direcção do chefe de tribo Armando Ferreira. Participaram na actividade os escoteiros José Artur Graça, Agostinho Lopes, Rui Paulo, António Alexandre, José Manuel e o Guia de Patrulha António Edmundo. — C.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

Doentes

O nosso companheiro Eduardo Augusto da Silva Xavier encontra-se muito adoentado e o seu estado inspirou tais cuidados que teve de ser internado com urgência num hospital, onde, à data em que escrevemos estas linhas, ainda se encontra.

Também o nosso companheiro e ex-colaborador Armando Garcia Inácio se encontra há tempos afastado das suas ocupações por motivo de pertinaz doença que se acentuou nos últimos tempos sendo de crer que venha a ser submetido em breve a uma intervenção cirúrgica.

Outro nosso companheiro, o sr. João Nascimento Almeida, antigo escoteiro do Grupo 9, teve de ser operado a uma perna, encontrando-se felizmente quase recuperado.

A todos estes nossos amigos *Sempre Pronto* faz votos de completas e rápidas melhoras.

Falecimento

Faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, o sr. António Francês, de 65 anos de idade, que vivia em Lagoa (Algarve).

O extinto era tio da esposa do nosso companheiro Eng.º José Maria Nobre Santos, era casado com a sr.ª D. Isabel Bento Francês e deixa três filhos, dois deles já casados, e três netos.

A estes nossos amigos, manifestamos o nosso pesar.



O XX JAMBORI NO AR E OS ESCOTEIROS PORTUGUESES

Vamos continuar com os nossos apontamentos sobre os relatórios apresentados pelos Grupos de escoteiros que tomaram parte no último JOTA.

Os lisboetas começam a aparecer, mas muito devagar

A Região de Lisboa não costuma ter grande evidência nesta actividade. Porém, desta vez as coisas correram melhor e houve já um número apreciável de participantes, o que pode ser bom augúrio para o futuro. Vamos lá ver se isso se confirmará...

O Grupo 7 (AEP) e os Agrupamentos 47, 63 e 262 (CNE) oferecem-nos trabalhos que são omissos quanto a notas de interesse sobre contactos obtidos ou outros pormenores. O 262 revela que só à última hora foram postos ante a realidade de um JOTA, de forma que nada puderam fazer, desprevenidos como estavam. Mas há entusiasmo e pretendem, no JOTA de 1978, participar condignamente, vencidas as improvisações deste ano. Esperamos que seja assim.



O relatório do Agrupamento 143 (CNE) tinha muito boas ilustrações

Também o Agrupamento 66, do Lumiar, que tem tido boa intervenção nos JOTA's anteriores, nos oferece um relatório de regular aspecto, mas de conteúdo sobre o fraco, salvo a entrevista com os radioamadores sobre aspectos técnicos desta actividade. De sublinhar o facto de um dos escutas deste agrupamento ter tirado a carta de radioamador e o regular planeamento que foi feito do JOTA.

Em Santa Eufémia, pequeno aglomerado existente na Serra de Sintra, considerado o berço desta maravilhosa vila, foram montadas as antenas e aparelhagem do posto de que se serviram os Grupos 93, de Sintra, 40, de Palmela, 88, da Buraca, e o 8, de Lisboa, todos da AEP. Do relatório apresentado, pouco imaginoso, presume-se que tenha havido certo interesse por parte do bom número de escoteiros e guias que compareceu. Boas reflexões finais sobre o espírito do JOTA, dando o devido valor ao estabelecimento, de contactos úteis em relação aos fúteis, ou seja, a primazia para *a troca de ideias entre indivíduos sob o mesmo ponto de vista e de interesse, que é o Escotismo.*

Uma troca de saudações que impressionou pela amizade que emanava!

Pois um relatório com um teor de elevado interesse e muito bem apresentado, embora sem ser espalhafatoso, é o que temos agora à nossa frente e que foi preparado pelo Grupo 47 (AEP), da Amadora, o que não é novidade para esta unidade escotista. Excelente leitura, redacção cuidada, uma dose equilibrada de bom humor, eis pontos capitais a destacar. Apontamentos curiosos: «*Momento inesquecível para a rapaziada foi quando se contactou com a Escócia, onde se encontrava um escoteiro inglês, conhecido de alguns elementos de cá. Houve uma troca de saudações, que me impressionou pela amizade que emanava!*» Noutro passo: «*O último contacto foi recebido com um misto de alegria e tristeza. Primeiro, porque tal representava o fim de uma actividade cansativa, mas também com imensa pena de verem terminar uma certa forma de convívio*». E é o próprio aparelho do posto que nos «conta» as suas impressões:

Continua na pág. 6



Um jogo aliciante!



Dizia B.-P. que a tarefa do Dirigente Escoteiro era das mais interessantes: consistia em descobrir em cada rapaz o que nele há de bom e fazer desenvolvê-lo de forma a excluir o que é mau. E acrescentava: Há cinco por cento de bem mesmo no pior carácter. O jogo consiste em descobrir o bom e desenvolvê-lo até uma proporção de 80 ou 90 %.

Esta directriz marca o sentido de toda a acção escoteira e revela quão aliciante é a actividade do escoteiro-chefe. Todavia, marca também a alta responsabilidade de todos aqueles que estão investidos desta missão. O dirigente escoteiro, para ser eficiente no desempenho da tarefa, precisa de ter estatura de educador. Isto pressupõe competência e autoridade moral. Não pode haver chefes medíocres, actividades de baixo nível, escotismo ordinário, grupos desorganizados, ideais inferiores.

Tudo no Escotismo aponta para progresso, para desenvolvimento. Há que crescer sempre do medíocre para o bom até 80 ou 90 % de eficiência. Que desistam todos aqueles que não sejam capazes de participar neste jogo aliciante.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DE REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde
Ernesto Clímaco do Nascimento

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00